

A Mente Religiosa

Trecho 1

Boa noite a todos. Vamos fazer alguns instantes de interiorização, procurando uma posição confortável para o nosso corpo, a espinha ereta, corpo relaxado. Em seguida, harmonizamos as nossas emoções, serenando-as, em dias tão agitados. Esse é o momento de vibrar paz, união, harmonia. Da mesma maneira, aquietando os nossos pensamentos para que possamos estar receptivos à inspiração, à intuição, à clareza de compreensão que vem dessas dimensões da consciência mais sutis do que o próprio pensamento. Ali vem a energia criadora, organizadora, harmonizadora das nossas vidas, e que nós possamos levar essa harmonia ao mundo e que o nosso estudo venha contribuir para essa compreensão mais ampla, de forma que haja paz e fraternidade entre os homens.

É sempre muito bom nós podermos nos reunir para refletir sobre temas a ver com o nosso viver diário, com as nossas investigações, com as nossas realizações. Esse momento no domingo, mas que se estende para outros horários, dependendo de quando a pessoa está assistindo ao programa, é um momento rico, porque ele nos dá a oportunidade de abrir a nossa mente para perspectivas, propostas que sempre nós temos a oportunidade de nos debruçarmos e procurarmos compreender em maior profundidade.

O tema que foi escolhido para hoje foi a mente religiosa. Esse não é um tema novo, mas eu acho um tema tão importante que nós precisamos voltar a investigar sobre como funciona a nossa mente e por que nós, em geral, estamos tão apegados e voltados para aquilo que se chama experiência religiosa.

Para nós entendermos o que é uma mente religiosa, nós temos que entender por que o ser humano, ao longo de milênios, tem sempre buscado fora alguma coisa que venha a dar sentido para a sua vida. Nós percebemos que as pessoas, de uma forma geral, em todas as civilizações, em todas as etnias, sempre buscaram um propósito para sua vida, sempre buscaram respostas para as questões que afligem o seu viver. E é muito comum que a religião seja utilizada como uma forma de preencher esse vazio existencial. Especialmente quando as pessoas têm problemas, quando as pessoas têm dificuldade de encontrar um significado para a vida, elas recorrem às religiões organizadas em busca de uma esperança, em busca de uma instrução, de alguma coisa que seja experienciável.

É aquela ideia: a pessoa está insatisfeita com a sua própria vida e acha que uma organização religiosa, um sacerdote de qualquer religião que seja ou um guru pode trazer algo que venha a preencher esse vazio existencial, essa dificuldade que as pessoas têm em se enquadrar dentro de uma vida cheia de desafios, de conflitos e cheia de dificuldades. Então é muito comum a pessoa buscar uma religião, geralmente uma religião organizada, porque ela quer algo que transcenda a sua realidade mundana. Elas estão insatisfeitas com a sua vida, com problemas das mais diversas modalidades, e acham que talvez alguém possa lhe trazer uma experiência diferenciada.

Essa busca pode ser para uma religião organizada, mas muitas vezes essa busca também se dá no campo das drogas. É a busca de uma experiência transcendente, uma experiência que de alguma forma leve a mente a um estado diferente daquele estado de conflito, de insatisfação, de incapacidade de ver um significado para a vida. Então

vocês veem que essa experiência que se busca nas religiões não é muito diferente da experiência que se busca no álcool, ou nas drogas, ou no entretenimento, que é uma maneira de você se afastar, fugir da realidade que às vezes é muito dura na vida das pessoas.

A religião acaba sendo uma forma da pessoa esquecer dos seus problemas e protelar a solução num sacerdote, num líder qualquer, ou então mesmo procurar uma organização que promova experiências psicodélicas, experiências que fazem com que as pessoas possam se afastar da consciência normal, da consciência do dia a dia.

E Krishna Murti fala uma coisa que merece muita reflexão da nossa parte: quando você busca uma experiência, o que acontece? Você está buscando alguma coisa que você de alguma forma já imagina o que seja. Você só busca aquilo que você tem alguma noção do que seja. E isso parece uma coisa estranha, mas se você investigar, essa busca de uma experiência religiosa é sempre a busca por alguma coisa que você imagina baseado na sua memória, baseada em experiências interiores, baseada em preconceitos também, ou visões, ideologias. Você imagina que aquela religião, ou aquela droga, aquela experiência que você está buscando vai de alguma forma solucionar o seu problema e vai te trazer uma experiência transcendente.

Existe até um tipo de meditação que é chamada meditação transcendental, porque ela encaixa muito nesse tipo de gente que quer uma experiência transcendental que afaste a pessoa do viver comum, do viver conflituoso e cheio de problemas. Mas quando Krishna Murti explica, de uma maneira muito clara, que qualquer busca por experiência, na verdade, é uma ampliação do domínio daquilo que é o conhecido, a gente tem que começar a pensar: "Puxa vida, eu estou

buscando então pegar aquilo que eu já conheço e expandir esse conhecido para um patamar talvez maior. Eu imagino o que seja, por exemplo, uma experiência psicodélica. E aí eu vou atrás dela, buscando aquela experiência e achando que ela vai de alguma forma permitir que eu me afaste dos problemas."

Mas ninguém consegue superar o seu eu. Você pode ter todo tipo de experiência, buscar todo tipo de experiência, mas você não se livra do seu eu, você acaba voltando para ele. Você pode ter alguns momentos de inconsciência, de viagens, de todo tipo de experiência que são, na verdade, projeções que você tem, mas no fundo o seu eu continua ali vivo, buscando coisas, e essa busca está no cerne do problema. Enquanto você está buscando uma experiência, você está preenchendo a mente com expectativas.

Trecho 2

A busca de experiências sempre leva à desilusão, porque nada que vem de fora pode resolver um problema que está no seu interior. Pode ser que num dado momento você consiga esquecer, através de droga, álcool ou qualquer outra coisa, mas no final você volta ao seu estado anterior, e às vezes volta com a mente mais transtornada do que saiu antes de começar essa busca por experiência. Essa é uma questão que temos que encarar com muito cuidado, porque todos nós já tivemos fases de buscar experiências. Eu, com certeza, logo que comecei a meditar, achava que a meditação ia me trazer uma experiência diferenciada, uma experiência transcendente: sentar de pernas cruzadas, tentar manter o corpo relaxado, seguir respirações e determinadas práticas, e eventualmente chegar a ter uma experiência transcendente. É lógico que isso não aconteceu. E às vezes isso pode ser frustrante, se você se apegar a essa ideia de querer uma espelhinha. Só que a vida espiritual

não é isso. A vida espiritual nunca pode ser dependente. A realização espiritual não pode ser dependente do desejo de uma experiência, do desejo de encontrar alguma coisa que vai te trazer uma percepção diferenciada, e você perseguir dentro do domínio do tempo aquilo que você projeta que vai resolver o seu problema. Esse é o problema que muitas pessoas que se dedicam às drogas encontram: acham que a droga vai resolver o seu problema e no final só agrava o problema. Qualquer busca que a pessoa empreenda tentando fugir dos seus problemas, dos seus medos, das suas dificuldades, não vai resolver o problema. Inclusive quando você se apegar a uma linha religiosa, você incrementa ainda mais os seus preconceitos. Você passa a abraçar uma ideologia religiosa que contrasta com outras ideologias religiosas. E a partir daí surgiram as guerras religiosas, que vêm de longa data, durante milênios. Muitos séculos tivemos guerras religiosas porque são pessoas que pensam diferente, que se voltaram para aquela religião como se fosse a solução para sua vida, estão apegadas àquelas ideologias e não aceitam que alguém pense diferente, e aí surge a guerra, surge o conflito de toda ordem. Então temos que investigar com muito carinho essas tentativas, que às vezes todos nós realizamos, de busca de experiência. Krishnamurti mostra-se inovador no sentido de dizer que qualquer busca de experiência está fadada a gerar desilusão.

Esse tema é muito vasto, muito desafiante, muito profundo. Essa busca de experiência é uma busca de preenchimento, preenchimento do vazio existencial. As pessoas estão sempre procurando se preencher através de ganhar dinheiro, de conquistar posições, de dar um sentido à vida através de exterioridades. Aí, quando veem que tudo fracassou, que tudo de alguma maneira não chegou ao que elas queriam, elas se voltam para Deus — sendo que esse Deus é uma imagem mental, uma projeção mental. E, segundo o Cristo, isso não tem nada a ver com

religiosidade. Aí precisamos fazer uma distinção. Vou usar uma palavra que ele não usa, vou usar por minha conta: igrejismo é uma coisa, religião é outra. Porque a religião em si, pela sua raiz etimológica, vem do latim **religare**, ligar algo que se desconectou — a consciência de separatividade se desconectou da consciência de unidade. Se você for olhar, o ensinamento mais profundo de todas as religiões é o ensinamento da unidade, da existência. Você vai ver o próprio cristianismo quando fala que Deus é onipotente, onisciente, onipresente, ele está em tudo. E se está em tudo é porque ele é essa unidade que permeia tudo. Só que transformamos isso numa imagem vaga, e não em algo que nos dê a compreensão do sentido real da unidade. Continuamos presos na consciência da separatividade. A maior das heresias, segundo Helena Blavatsky, em **A Voz do Silêncio**, é a heresia da separatividade.

Como entender essa unidade? Krishnamurti fala: "Você é o resto da humanidade" — no sentido comum. Mas a pessoa diz: "Esse cara tá louco, porque eu não sou o resto da humanidade, eu sou eu. A humanidade é que é o resto." Porque a consciência de separatividade é tão arraigada que é muito difícil compreender algo que permeia todas as coisas, que é criador, que é inteligente, que não é um ser pessoal, esse Deus antropomórfico que algumas religiões inventam, projetam.

Para dar um exemplo bem simples: imagine uma casa que tem vários aparelhos eletrodomésticos, todos ligados. Tem a geladeira ligada, o ar condicionado ligado, a máquina de fazer café ligada, a máquina de lavar roupa, tudo ligado. O que faz tudo isso funcionar? É a energia elétrica. Na hora que você desliga a energia elétrica, todos os aparelhos param. Se disséssemos, nessa analogia tosca, que Deus é a energia elétrica,

ou seja, que a religiosidade é o sentido da unidade que permeia todas as coisas, que nós somos expressão dessa unidade, que tudo — as plantas, os animais, os minerais — é expressão dessa energia criadora que comparamos com a eletricidade, e que dá vida a tudo. Quando ela se retira, pelo menos nessa dimensão, acaba. Mas essa coisa não acaba: essa coisa é o eterno. Krishnamurti sempre fala nisso: que precisamos descobrir o eterno dentro de nós. E é exatamente essa conexão com tudo que existe. Isso só acontece quando percebemos que o eu, o ego psicológico, é ele que cria a separação, ele que cria esse sentimento de separatividade. E isso é profundamente arraigado em todos nós. Então precisamos morrer para esse sentido de separatividade para poder descobrir essa religiosidade. Porque essa religiosidade não depende de igreja, não depende de instituição formal, ela tem a ver com a verdade intrínseca a todas as coisas. Isso só a própria pessoa pode ir desbravando, e cada vez mais, ao invés de projetar, tentar sentir que essa energia criadora da qual nós, pobres mortais, somos produto, somos manifestação, que ela é beleza, que ela é ordem, que ela é inteligência, que ela é sabedoria, que ela é amor, principalmente amor ao próximo. Mas é o nosso sentido de ego que é a antirreligiosidade. Então, para ser uma pessoa religiosa, você não precisa pertencer a nenhuma religião. Quando você pertence a uma religião, você tem uma identificação, seja com Jesus, com Buda, com Krishna, com Maomé...

Trecho 3

Mas esses processos de identificação que são egóicos, se forem levados muito a sério, geram a divisão. E aí o meu Deus não é o seu Deus, porque o meu Deus é a minha projeção, diferente da do seu Deus, que é a sua projeção mental. E essa energia criadora não tem nada a ver com

as nossas projeções mentais. Então eu percebo que a mente religiosa é essa que percebe a unidade de todas as coisas e que, de alguma forma, percebe dentro de si mesma todas as formas de separação, de divisão. Olha só o momento que nós estamos vivendo, Edu. Momento eleitoral aqui no Brasil, de antagonismos raivosos, de sentido de divisão profunda. Isso é a própria falta da religiosidade. O que não quer dizer que todo mundo é lindo, maravilhoso, mas que em todo mundo existe algo lindo e maravilhoso. E se a gente conseguir transcender os nossos preconceitos construídos com base nessas divisões mentais, a gente vai ver que o bem e o mal estão em todos os lados. O bem e o mal estão na esquerda, o bem e o mal estão na direita, o bem e o mal estão no centro, em todos os lados. Aliás, a própria existência de lado é a negação dessa religiosidade essencial. Porque o fato de você ser uma pessoa religiosa, nesse sentido que eu estou falando, não quer dizer que você vai deixar de ver o belo e o feio, não quer dizer que você vai deixar de ver o bem e o mal. Mas você não vai dividir os homens, os seres humanos, por conta do bem e do mal que existe em todos eles. Você vai ver que em todos existe o bem e o mal em proporções diferentes. E se você fizer isso, você vai se relacionar de uma maneira diferente, você vai ter um respeito e consideração pelo outro de uma maneira diferente. E aí a sua devoção, ao invés de ser algo projetado, imaginado, uma simples imagem mental, você vai se dedicar a esse sentido de união maior que está por trás de tudo. Tem até aquela passagem das cartas dos mahatmas, da última carta de 1900. Ela fala assim: "Toda devoção deve ser ao supremo espírito do qual todos nós fazemos parte". Então, a pessoa efetivamente religiosa, a mente religiosa, tem esse respeito, essa devoção por esse supremo espírito que está em todos, está no benfeitor, está no malfeitor, está na esquerda, na direita, no centro, está em todo lado. Esse supremo espírito alimenta a vida que existe em todos os reinos da natureza. Mas se nós não temos essa percepção, a gente divide os homens e

fica em luta, seja por conta de um time de futebol, seja por causa da religião, que não é religião, seja por causa da política, seja por causa dos interesses pessoais e por aí vai. Então, Edu, eu tenho a impressão que esse tema é muito profundo e, para a gente realmente penetrar nele, a gente tem que se despedir de todos os conceitos religiosos, pretensos religiosos, que a gente tem, para buscar a essência da religião. E a essência da religião, que é o amor, ela é esse sentido de união com tudo. Não quer dizer que você não vá atuar a favor do bem e combater o mal, mas aí você vai combater o mal como atitudes e não como pessoas. Você vai poder combater o mal onde ele estiver, independente de qualquer lado, procurando sempre o bem, e não dividir a humanidade entre bonzinhos e mazinheiros. E é isso que a maioria das pessoas faz, que é a atitude religiosa. A religião superficial. O Krishnamurti sempre diz: ir para a igreja ou ir para o bar é a mesma coisa. Não quer dizer que você não possa estar na igreja com o sentido de conexão, sem divisão, vamos dizer assim, desde que você não esteja nem apegado, nem excessivamente identificado com o ambiente em que você está. Mas isso vale para um bar também, que você pode estar ali com sentimento de unidade, independentemente do ambiente em que você esteja, se você realmente tiver sintonizado interiormente. Então esse tema é muito profundo. Eu teria mais a dizer, mas eu não quero me estender demais. Passo a palavra para você, meu irmão.

Pois é, é um tema realmente muito amplo, porque lida diretamente com a vida, a maneira como nós abordamos essa busca. É tão comum você encontrar pessoas buscando alguma coisa, pessoas que acham que a sua vida está vazia e aí ou vai para o psicólogo, ou vai para a igreja, ou vai para as drogas. São tantos caminhos de fuga da realidade. E tudo isso, todas essas fugas, todas essas buscas, buscas de experiência, na verdade elas aprisionam, elas vão complicando em vez de resolver o

problema. E aí o Krishnamurti traz uma reflexão que é da maior importância. Ele diz que a busca — isso a gente já falou em outras reuniões — que para você encontrar algo que realmente seja significativo, você tem que ser completamente livre. E esse é um tema básico em termos de meditação, de trabalho espiritual: você não pode estar dependendo de nada. Porque se você depende de um guru, depende de uma ideologia, depende de qualquer apoio externo para conseguir superar seus questionamentos, logicamente você não vai ter liberdade. E a liberdade é algo tão essencial, tão essencial na nossa vida, que nós não podemos abrir mão da liberdade. Então essa indagação deve ser algo que nos acompanha ao longo da vida. Nós estamos criando algum tipo de dependência na nossa vida? Nós estamos buscando alguma coisa que vai nos prender e vai nos dar segurança, mas vai criar uma dependência cada vez maior? Será até que ponto nós somos realmente livres para ser o que nós formos, independente da opinião dos outros, independente de qualquer ritual, de qualquer dogma, de qualquer personalidade, qualquer grupo, de qualquer natureza? Será que nós conseguimos alcançar esse estado de liberdade para ser aquilo que você é no sentido mais profundo? E eu trago um pouco da reflexão que Patanjali traz nos Suttas, quando ele fala que enquanto a nossa mente tiver ocupada com todo tipo de música, com as chamadas modificações mentais, você nunca vai ter aquela quietude, aquela tranquilidade que vai permitir você se abrir para algo maior. Isso aí é a essência da meditação. A meditação tem tudo a ver com a liberdade. Qualquer busca exterior é um cerceamento da liberdade. É você achar que alguém pode resolver para você alguma coisa. É aquilo que falou: a verdade é uma terra sem caminhos. Então você não pode buscar nenhum apoio, nenhuma orientação externa.

Você tem que se abrir para a verdade como ela se apresenta para você a cada momento da sua vida e nunca abrir mão da liberdade, porque senão você vai viver prisionado. Quem não tem liberdade está prisionado. A prisão pode ser uma prisão física, pode ser uma prisão psicológica, em que você depende de alguma estrutura, de alguma pessoa, de alguma coisa que vai te dar algum conforto, vai te dar alguma segurança. Isso é algo terrível. Eu vou me calar um pouco para deixar você falar, Marcos. Está uma gritaria muito forte. Deixa eu ver se eu fecho aqui meu microfone. Edu, olha só, eu me lembrei aqui de duas citações do Krishnamurti.

Trecho 4

Murti, nesse tema, eu vou dizer de onde que eu me lembro. Uma é daquele livro, *A questão do impossível*. E lá naquele livro tem um capítulo que tem uma frase assim na abertura do capítulo: "Religião é a força que conduz a uma vida sem divisão". Isso aí está mostrando que, quando a gente vê o todo, a gente harmoniza. Por exemplo, você tem uma família com vários integrantes. Se você vê o todo da família, você não fica do lado de A contra B ou do lado de B contra A, porque você olha o todo. Ou você tem uma empresa, você olha o todo da empresa, não tem lados. Se você tem um país, se você olha o todo do país, se você realmente quer o bem para o país, você não... é lógico que na hora de votar você vai escolher alguém, isso não é problema. Agora, por que tem que ser essa guerra acirrada que a gente vê, uns atacando os outros de forma tão violenta? Porque as pessoas não olham o todo, elas olham o lado em que elas se colocaram. E se você olhar globalmente no mundo, é a mesma coisa. Antes era capitalismo versus comunismo. Agora são blocos com interesses econômicos em conflito. Então, se você olhar o todo do mundo, o todo da humanidade, não tem espaço para divisão na mente. É a mente que divide. Então eu

vejo que o ensinamento fundamental dele, inclusive, como eu falei, quando ele fala "você é o resto da humanidade", ele está dizendo isso. Não existe... é que nem você querer separar a gota do oceano. A gota é o oceano. E o oceano é a gota. E assim somos nós e a humanidade. A separação entre a gota e o oceano é só o pensamento que cria. Se você afastar esse pensamento, você é a humanidade.

E a outra coisa que me veio à mente, que eu me lembrei — isso eu me lembro, antigamente eu tinha uma fita do Krishnamurti de uma das palestras dele, uma dessas fitas que eu comprei lá em Brockwood há 40 anos atrás, eu acho. Daquelas, acho que era VHS ainda. E na capa da fita, na caixinha, vinha escrito assim: "A mente religiosa se move de fato para fato". Só tinha essa frase na capa. Cara, que que é isso? A mente religiosa se move de fato para fato. Repara só. Toda essa confusão no mundo é porque a mente humana se move em múltiplas direções, de forma especulativa, enredada no jogo do tempo, do "eu quero", não é? É com comparação que gera inveja, é com ambição que vai conquistar isso, aquilo. O mundo é o caos. Porque a mente humana se move dessa forma dual, com especulações o tempo todo, com preconceitos criados, com divisões, como a gente acabou de falar, que a divisão em si é a maior das heresias. E aí uma mente que se move de fato para fato vive de instante a instante. Ela está desprendida do que foi e não está preocupada com o que virá. Ela simplesmente age no presente com presença, com precisão, com cuidado, com zelo. Se você faz o presente bem feito, o futuro naturalmente se desenha bem feito. Agora, se o presente é essa loucura — vai ser, não vai ser, vai ganhar, vai perder, vai isso, vai aquilo —, que é a mente humana normal, é tudo especulação. Então, a mente religiosa se move de fato para fato. Será que a gente é capaz de descobrir essa verdade e perceber quando a

nossa própria mente está especulando, está inventando, está projetando, está discriminando, ficando sectária, se fechando numa ideia, se apegando a um conceito ou até se apegando a uma imagem de Deus que ela própria criou, ou que o padre, ou o bispo, ou alguém de alguma religião passou e ela agarrou aquilo e ficou com aquela imagem mental? Então, esse mover-se de fato para fato é ver a vida como ela é, de instante a instante. Isso traz uma grande sabedoria e uma grande liberdade também, Edu, porque você acaba descobrindo que toda a nossa escravidão, a nossa caixinha fechada, que é a nossa série de conceitos, de verdades, crenças — "eu sei, isso é assim, isso não é assado" —, a gente cria uma caixa fechada com esses pensamentos com que a gente se acostumou. E a gente não vê os fatos como eles são. A gente sempre vê os fatos de forma distorcida, colorida, tendenciosa. E nisso a gente se divide, vai à guerra, se esfola um ao outro, manda bomba para o país vizinho, e esse mundo caótico. Então, a solução do problema desse mundo caótico está na nossa consciência. A partir do momento que a gente aprenda a viver de fato para fato e sermos pessoas genuinamente religiosas — o que não depende de nenhuma religião, mas da nossa própria consciência livre dessas perturbações que a mente cria o tempo todo —, né, Edu?

Pois é. Essa mente livre que você está mencionando é uma mente que não busca se preencher com opiniões, com ideologias, não é? É uma mente que está disposta a... só... isso não quer dizer que ela vai estar vivendo isolada dos outros. Pelo contrário, a pessoa vive com uma postura independente, em que ela está só, assim, não buscando consolo ou apoio em grupos, em organizações, em gurus. Ela está só no sentido de que a busca é dela, ela está inteira na sua observação. Ela não quer e afasta tudo aquilo que é interferência externa. E você

observa, Marcos, que a busca de interferência na nossa vida é muito grande? Existem muitas organizações religiosas, econômicas, políticas que estão querendo nos direcionar. Agora, a inteligência artificial acaba sendo também mais um instrumento, os sites que adquirem que tipo de informação a nosso respeito, o que nós gostamos, o que nós temos de interesse, o que nós compramos. Tudo isso aí é usado para tentar nos manipular, nos levar numa direção ou noutra. Então, essa ideia que o Krishnamurti traz de você ter liberdade, estar só sem depender de nada, é algo muito novo. Eu me lembro de ter visto uma postura tão completa, de você viver não isolado — isso não faz nenhum sentido, o isolado tem a ver com a separatividade que você mencionou, Marcos. Não é isso. Você não vai se separar de ninguém, mas você está inteiro ali sem dependência nenhuma, vivendo com honestidade, vivendo com inteireza, vivendo com plenitude cada momento, sem buscar nada, inclusive sem buscar as ditas experiências de qualquer natureza, inclusive as experiências religiosas. Então, essa é uma questão que nós devemos nos colocar. Será que nós estamos dispostos a abrir mão da busca de experiência de qualquer natureza, seja religiosa, ou psicodélica, ou experiências que tirem você do torpor? Porque você vai a um cinema, por exemplo, a um filme, se for um filme muito tenso, você se envolve emocionalmente com o filme. Então, nesse momento, você esquece um pouco de você, e é uma fuga de certa maneira. É um entretenimento que é uma diversão. E a palavra diversão tem a ver com divergir, tirar, sair da sua direção. Então a gente tem que ter muito cuidado com esses entretenimentos, aquelas diversões que são, na verdade, um descaminho. Então, eu não tenho nada contra o tema, nem qualquer tipo de atividade cultural que vo...

Trecho 5

Você abrir mão da sua liberdade para ir atrás da experiência. Porque, como diz o mestre, a experiência é sempre baseada no passado. Se você busca uma experiência, você busca repetir alguma coisa que você já conhece, ou então ampliar algo que você já conheceu, que você quer expandir um pouco mais, como a experiência psicodélica, por exemplo. Então nós temos que ter esse cuidado muito grande de não nos perceber que não podemos depender de nada, não podemos abrir mão da nossa liberdade, e temos que ser inteiros e viver uma vida plena em comunhão com todos os seres, com independência e com tal liberdade.

É um fio de navalha isso. Porque se a busca religiosa, por um lado, pode ser uma fuga, por outro lado o conformismo com a mesmice de uma vida medíocre também é terrível. Então, normalmente as pessoas querem fugir da mediocridade através da ambição, através da importância, através do grande, através do poder, da forma do ego se expandir. Agora, ao mesmo tempo, se você percebe que esse ego é ilusório, que ele é só composto de imagens mentais que a gente criou até de nós próprios, e você ao mesmo tempo tem essa curiosidade de aprender com cada coisa que a vida te traz — um ensinamento que não é verbal, mas um ensinamento existencial —, eu não vou chamar isso de busca. Acho que curiosidade fica mais leve. Porque busca, se nada faz sentido para você, é o que realmente muitas vezes impulsiona a pessoa a sair da mediocridade. Mas se ela substituir essa busca por um Deus idealizado que ela acha que vai possuir, onde ela vai ter aquela segurança — "eu estou com Deus, estou seguro, meu lugar lá do outro lado está certo" —, tudo isso é ilusão da cabeça dela.

Então, se por um lado essa busca tem a ver com a energia que nos move a tentar compreender sempre mais, na medida em que a vida vai trazendo as situações, no outro sentido, se a gente quiser fugir da vida buscando algo, se a gente verificou que as coisas materiais todas vão ser passageiras, então eu quero uma coisa permanente — essa coisa permanente não vai ser encontrada no campo do pensamento. Ou a gente, como você falou, aprende a serenar, aos pouquinhos. Às vezes não dá em todas as horas, mas quando você consegue alguns instantes, você vê que é possível, e você vai educando a sua mente para cada vez mais se permitir momentos desse esvaziamento que dão a abertura para esse sentido maior do sagrado, da unidade essencial que permeia tudo e todos. Quanto mais a gente se abrir para isso, mais momentos vêm inesperadamente de uma alegria sem motivo, de uma leveza, de uma sensibilidade para compreender o outro. E depende da gente realmente não é buscar, mas é não se conformar também com a mediocridade desses interesses pequenos que é a maioria da vida de cada um de nós, infelizmente.

É só para complementar o que você falou. Talvez a palavra buscar seja a mais indicada: é se abrir para algo que transcende o viver comum. Isso, acho que às vezes você se fere numa vinha que até dá ilusão de ser verdadeira, mas que não — você está preso indo atrás de alguma coisa que você acha que é muito legal, mas está ainda repetindo os mesmos padrões. Você pode se abrir para algo maior, deixar a mente aberta e dizer: "Agora eu não vou buscar mais nada, vou apenas me abrir para aquilo que é a realidade." Aí realmente coisas podem acontecer. Mas você vê como a coisa é paradoxal. Ao mesmo tempo, as pequenas coisas da vida passam a fazer um sentido diferente. Quer dizer, ao mesmo tempo é se abrir, ao mesmo tempo é olhar para essa

vida como ela é e não fugir dela. Então, ao mesmo tempo é sair da mediocridade, ao mesmo tempo é dar sentido a tudo que acontece, porque tudo tem um ensinamento, tem um despertar nas pequenas e nas grandes coisas — pequeno ou grande é coisa do pensamento. Tudo que acontece tem uma razão de ser.

Vamos agora convidar nossos amigos a trazer as suas percepções. Cidinha, Wellington, lá do YouTube é mais uma afirmação: "Se você resiste à mudança, você resiste à vida." Sim. Só que a mudança também pode ser... A mudança pode ser a influência da propaganda, pode ser a influência da igreja, pode ser a influência do grupo social. Então, por um lado, sim. Por outro, se você não encontrar dentro de você o seu próprio dharma, a sua própria missão, o próprio sentido da sua existência, você vai andar, vai mudar conforme as influências apenas. Então, é e não é. E eu acrescentaria que muitas vezes o que nós chamamos mudança é mais do mesmo. As pessoas não... quando você vê, é mais do mesmo. É corrupção, é ego, é vaidade, os interesses os mais diversos em jogo, os apadrinhamentos. E essa questão de essa bandeira da mudança pode ser muito enganosa. Nós temos que... não adianta mudar para algo que é mais do mesmo, é uma transformação daquilo que já era. E então uma mudança profunda é um abandono de tudo aquilo que é enganoso. E isso é um passo muito profundo: você perceber o que é enganoso e se abrir para aquilo que é real. Mas nem sempre isso é uma tarefa fácil.

Temos mais perguntas lá no YouTube, mas antes eu vou ler uma da Renata, um desabafo da Renata aqui do Zoom. Ela diz assim: "As nossas compulsões humanas de quaisquer naturezas sinalizam fuga existencial. Compulsão alimentar, jogos, substâncias químicas,

cerimônias religiosas, esportes radicais adrenalizantes, pornografia, excessos — escondem sempre uma fuga. Orai e vigiai sempre as nossas almas." Isso é só um desabafo, não é uma pergunta. Sempre essa compulsão por alguma coisa é você não querer encarar a realidade como ela é. A compulsão sempre está associada realmente à fuga. E o que você chama de excessos geralmente é uma busca de enchimento: você está insatisfeito, está cheio de problemas, então você acaba tendo o excesso de vida alcoólica, por exemplo, o excesso de drogas, enfim, são experiências que afastam da realidade e adormecem a sua consciência. Blavatsky sempre falava que o caminho da autorrealização é um caminho em que a nossa consciência tem que estar cada vez mais desperta. Então, tudo aquilo que deixa a nossa consciência anestesiada, que gera todo tipo de viagens, de fantasias, de experiências — entre aspas —, é o negativo do trabalho espiritual, que é você se tornar cada vez mais consciente de você mesmo, da sua realidade, do que você está pensando, do que você está realizando. E esse é o trabalho espiritual: é você viver com presença, com intensidade, com beleza. Isso é o oposto do que as pessoas às vezes fazem para resolver os seus problemas, que são as fugas e todo tipo de busca.

Trecho 6

A compulsão é uma coisa muito comum, porque a gente bota uma coisa na cabeça e sai correndo atrás dela.

Quando Krishnamurti fala numa ordem que vem espontaneamente a nós, quando a gente está consciente de tudo que se passa dentro de nós, a gente acaba vendo que a compulsão é um movimento que vem do inconsciente. Quando você vê, você já está fazendo tal coisa. A pessoa, quando vê, é impelida por forças que ela nem conhece. Na medida em que ela observa a si mesma

e está consciente daquilo que ela está fazendo, essa força inconsciente perde a força, na medida em que a luz da consciência está observando ela.

Eu observo isso muito na minha vida. Eu sempre fui muito compulsivo. A vida de advogado era mil tarefas ao mesmo tempo. Se você não fizesse direitinho o que é urgente, separando o urgentíssimo primeiro, depois o urgente, aí você vai naquela loucura. E hoje, cada vez mais, eu procuro fazer devagar, bem feito. Até a idade permite um pouco mais. Quando a gente é jovem, a gente quer abraçar o mundo e sai atropelando. Quando a gente tem um pouco mais de maturidade, a gente procura fazer cada coisa a sua vez, com espontaneidade. Aí sim você sente o que é ordem, o que é qualidade de vida. É uma energia que organiza sua vida. Mas para isso você tem que perceber as compulsões sem lutar contra elas. Simplesmente estar consciente delas é o que faz com que elas se enfraqueçam e deixem de apresentar aquele comportamento automático.

E isso tem a ver com a busca de experiência também. Às vezes você tem uma compulsão de buscar uma determinada experiência que, no seu inconsciente, às vezes você nem percebe isso, está exigindo que você vá atrás. É alguma coisa que no passado já te deu um certo prazer, e aí você olha para a sua vida e pensa: puxa, está faltando alguma coisa. Aí você lembra aquilo que já deu prazer, que foi uma experiência vívida. Aí você vai de novo à experiência. Isso, logicamente, causa dependência, porque, em vez de se abrir para a realidade presente, seja ela de dor, seja de qualquer natureza, você está fugindo dela, indo atrás de uma memória, atrás de uma imagem que você achou que foi interessante, uma experiência que está armazenada e você quer repetir. E é muito fácil você se enredar nessa rede de compulsões e de

busca de experiências de toda forma. E você se libertar não é fácil, porque o hábito acorrenta. Tem certos hábitos, certas compulsões que se tornam quase automáticos. Você, na hora que você para, já vai atrás daquilo que te deu prazer. Por exemplo, um fumante: ele, sem querer, vai acender um novo cigarro. A pessoa que é viciada em bebida, sem pensar, vai atrás da experiência daquele drink que vai de alguma forma abafar os seus problemas. Então a única saída é uma atenção redobrada: é você olhar para você mesmo, identificar essa busca de alguma coisa, de preenchimento, de fuga, de sofrimento ou qualquer tipo de busca, e ver: será que realmente eu preciso disso? Será que eu não poderia viver uma vida sem buscar nenhuma experiência? Esse questionamento eu acho fundamental.

Mas, mesmo assim, se a pessoa tiver numa postura de aprender, ainda que alguma coisa dela leve ela a uma experiência, não é nem que ela está buscando a experiência, é um comportamento natural numa certa direção que é experiência? Se ela tiver nessa postura, não é busca da experiência, ela vem até ela, não é que ela está buscando. Sim, mas tem coisas que a pessoa inconscientemente vai numa direção, ela não está buscando, mas ela vai. E se ela tiver numa postura de aprendiz, de aprender — por que que eu estou aqui, o que me trouxe aqui, o que que eu estou fazendo aqui? —, aí ela vai descobrir fundamentos ocultos na consciência dela que ela não conhecia. Isso faz parte do autoconhecimento também, porque não adianta a pessoa dizer assim: "Ah, eu tenho que estar livre de toda experiência", porque ela espontaneamente vai numa direção de alguma coisa. E aí, nessa postura do aprendiz, ela chega lá e encontra ela mesma, porque ela vê que aquilo ali tem um sentido ou não tem um sentido, mas ela desvela aquilo que estava oculto nela mesma.

Nós temos que ter cuidado de perceber que nós nunca vamos negar a experiência. A experiência, quando chega, ela deve ser usufruída. A vida nos traz experiências novas, algumas riquíssimas, algumas de grande valia, de grande aprendizado. O problema é quando você tem uma experiência maravilhosa e quer repeti-la, aí você cria dependência. Agora, se a experiência vem, você usufrui a experiência — um lindo dia de sol, um relacionamento novo que te trouxe grandes aprendizados —, tudo isso tem um valor enorme na sua vida. Se você não procurar repeti-la e deixar aquela experiência se esvair, assim como as coisas da vida vão passando naturalmente, e absorver apenas o aprendizado, isso é a coisa mais natural. Nós não podemos fugir da experiência. Aí seria um outro problema: você fugir de enfrentar e vivenciar aquilo que a vida espera que você vivencie. A vida é riquíssima em trazer experiências, algumas difíceis inclusive. Às vezes você foge de uma experiência que é realmente difícil, mas encarar tanto as experiências positivas como as experiências negativas é sabedoria.

Exatamente. Só que não é só a vida que traz. Às vezes a gente se joga sem saber que está se jogando. Então é um movimento que não separa o interno do externo. E a gente tem que ficar muito observador: por que que eu estou fazendo isso? O que me trouxe até aqui? E fluir, fluir. Mas aí a consciência, uma hora, ela vai dizer: "Não, vou por aqui". Ou então vou por aqui naturalmente.

Vendo vocês falarem, esse bate-bola de vocês dois agora, eu fiquei pensando assim: todos os temas que vocês trouxeram até aqui, até o momento, todos eles são de extrema importância. Uns são mais difíceis de investigar, de trazer mais reflexões, outros não. Eu acho, na minha opinião particular, esse tema, a mente religiosa, é um ponto nevrálgico.

Ele traz muitas outras coisas. E, levando isso em consideração, e que Krishnamurti nos coloca lá no telhado e puxa a escada, como costumam dizer, na verdade o que eu penso, o que eu estou vendo de tudo isso que eu tenho assistido até hoje e refletido e pensado, é que tem alguns pontos que são extremamente importantes para que a gente possa entender cada tema que vocês trazem, que são trazidos para o nosso debate. É assim: uma observação serena, uma atenção, uma disponibilidade de aprendizado, um despojamento do eu, a vaidade que deve recair — mas isso tudo a partir do que o Marcos acabou de dizer, a partir de uma observação. Então, e para tentar digerir esses temas...

Trecho 7

A vaidade é um dos maiores obstáculos para chegar a essa liberdade sobre a qual estamos conversando. O que acontece quando uma pessoa é idosa? Ela pensa que sabe, ela se acha melhor pelo fato de ter estudado mais, pelo fato de ter lido mais, e ela se sente uma pessoa especial. A vaidade é um movimento do eu, movimento do ego, em que a pessoa se separa: "Eu estou aqui, eu estudei, eu sei mais, e os outros têm que escutar, porque eu sou autoridade, pessoa que sabe, vou ensinar como é que as coisas funcionam". Então essa vaidade impede que você atinja essa liberdade que é tão fundamental, porque você fica preso ao conhecido, aquilo que estudou, aquilo que você entende como sendo o verdadeiro, mas na verdade é só uma projeção, uma opinião, um conjunto de conceitos que você armazenou na memória. A vaidade é um dos defeitos mais difíceis. Tem até aquele filme "Advogado do Diabo", que fala disso, que a vaidade é o meu pecado preferido. O Diabo fala pro personagem principal que realmente a pessoa vaidosa está se preparando para escorregar na vida, porque ela não consegue se libertar desse eu, porque ela se acha. Isso aí é um problemaço. E a gente vê até pessoas que estão no

caminho espiritual que persistem com a idade; às vezes elas nem percebem isso, mas elas se acham pessoas especiais, especialmente quando a pessoa tem uma posição de liderança, de reconhecimento, de visibilidade; aí a vaidade acaba se mostrando e a pessoa às vezes não percebe. Então aquilo que o Sócrates falava — "tudo que sei é que nada sei" — é algo tão fundamental no caminho espiritual, mas pouca gente está disposta a honestamente afirmar isso.

Você falou que o Krishnamurti põe a gente no telhado e tira a escada. Eu acho que ele não faz nem uma coisa nem outra. Porque é o que dizem. É o que dizem. Mas olha só, é porque eu só quero acrescentar o que a Cidinha falou. Eu me lembro que o Hermó, que você conheceu bem também, ele falava: "O Krishnamurti leva as pessoas até o alto da montanha, mas só ele que tem asas". É a mesma coisa. Eu acho isso uma falácia, entendeu? Porque cada um vai pra altura que dá conta, não é ele que leva ninguém. Agora, ele, como um bom amigo, permite que a gente olhe junto com ele para alguma coisa. E aí o grande problema é que o olhar dele desconstrói tudo que a gente está acostumado. E aí a gente quer se agarrar em alguma coisa, e a gente reconheceu que o que ele está falando ali, em algum momento a gente viu como verdadeiro, mas a gente quer reter esse verdadeiro, e aí é que não tem escada, entendeu? Ou seja, no fundo, o trabalho que a gente faz junto com ele é desconstruir muitas coisas que estão estratificadas na nossa mente.

E aí você falou uma palavra muito importante que eu tenho observado em mim, essa questão da humildade. Eu tenho observado pelo sentido inverso. A nossa mente é muito viciada em pensar em si mesma. "Como que eu estou na fita? Ah, eu estou bem, eu estou mal, ah, eu sou isso, eu sou aquilo." A nossa mente tem essa tendência. Todo mundo tem. E

toda vez que eu me percebo com esse pensamento de que eu sou isto ou aquilo em qualquer coisa, porque a nossa mente funciona muito em função de nós mesmos, eu faço um exercício de tirar a roupa. Falo: "Não, não, isso é ego, tira". Como se estivesse tirando a roupa, entendeu? "Não, não, isso é ego, tira. Não, não, isso é, tira." Ou seja, a mente é viciada numa direção, e a verdadeira humildade é desconstituí-la de você para você mesmo. Isso não tem nada a ver com ninguém, tá claro? Então assim, eu acho que você pegou o fio da meada, minha amiga. Daqui a pouco você vai poder substituir qualquer um de nós aqui, porque você está descobrindo por você, no seu dia a dia, observando a sua própria mente. Você está descobrindo, você está aprendendo a olhar diferente. E é o olhar diferente, é o olhar livre das nossas certezas ou dos nossos saberes, que permite a gente estar aprendendo. Porque quando a gente não tem esse olhar livre dos saberes, a gente fica só repetindo o tempo todo. A gente não está em aprendizado. Então eu fico feliz de ouvir o que você falou, porque eu sinto que você está cada dia mais aprofundando a compreensão da sua própria mente, do seu próprio pensar.

Eu não fui eu que falei que o Krishnamurti põe a gente lá em cima e tira a escada. Você já trouxe isso pra gente aqui? Não, eu não. Outras pessoas falam isso. Eu nunca falei isso. Pessoas falam isso, mas eu particularmente adoro essa ideia de estar lá, porque me coloca desafio, e a gente fica ali naquela, não forçado, porque eu não vejo isso daqui como "você tem que fazer assim". Através dessa observação, desse olhar com cuidado, com amorosidade, com humildade e tudo, é muito mais difícil do que debater qualquer tema. E se colocar no banco dos réus, abre aspas, é muito doído, é muito sofrido isso pro ego. Você sabe que só uma vez eu tive uma discussão com uma pessoa e eu fui chorar,

mingar para outra. E aí eu falei assim: "Ah, porque a pessoa me magoou?" Ela falou assim: "Não, quem se magoou foi a sua personalidade". Eu desliguei o telefone e fiquei quietinha, enfiei debaixo da cama e não quero papo. O ego estava ali falando. Enfim.

É possível lidar com fanatismo com compreensão, ou é necessário um pouco de enfrentamento? O enfrentamento também é fanatismo. Você não precisa se contrapor ao fanatismo enfrentando. Você se contrapõe ao fanatismo com a compreensão do fanatismo. E não adianta você chegar pra pessoa e falar: "Você é fanática". Porque ela não vai se achar fanática, entendeu? Mas dependendo de como você interagir com ela, você pode mostrar outro ângulo para ela. Você pode mostrar algo um pouco mais amplo do que aquela única visão que ela estava tendo, entendeu? Agora, se você quer impor que a pessoa não vai ficar só naquela faixa estreita que ela se colocou, você não tem como impor. Só a própria pessoa pode se abrir, e você pode ajudar se ela permitir. Senão é uma intromissão.

Trecho 8

O fanatismo deixa as pessoas fanáticas. Você não consegue convencer um fanático. Geralmente o fanático já sabe o que quer, está apegado às suas crenças. E se você tentar falar algo diferente do que ele acredita, do que ele tem como lema, como princípio para sua vida, você só vai gerar reação. Então o que você vai fazer é buscar contornar, em vez de enfrentar o fanatismo com a aversão oposta, é tentar se aproximar pela amorosidade, por aquilo que você tem em comum com ele. E você sempre tem em comum com qualquer pessoa muita coisa. Então, em vez de bater de frente, você muda de assunto, fala de coisas neutras, busca algum ponto de contato com aquela pessoa. E nós temos certamente coisas em comum com qualquer ser humano, mais fanático que ele seja. A pior

coisa é bater de frente, porque isso só vai gerar mais conflito e não resolve.

Uma coisa que eu aprendi, isso se fala muito dentro da educação, sobre comunicação, é algo que funciona muito bem: se a pessoa chega, por exemplo, e fala alguma coisa desagradável para você, alguma coisa que é fruto dos seus preconceitos ou até de uma visão equivocada, você, em vez de responder na lata, mostrando "não, você que tá errado", apontar o dedo, você fala o que está sentindo. Isso é uma dica que eu acho fundamental. A pessoa te agrediu. Em vez de você agredir de volta, você pode dizer assim: "Olha, o que você falou me incomodou e atingiu a minha sensibilidade. Eu estou me sentindo pesado com as coisas que você falou." Ou seja, em vez de você retaliar, você fala o que você está sentindo, porque ninguém vai se incomodar de ouvir o que você está sentindo. Você incomoda quando tem uma opinião que contraria a sua, mas se você expressa um sentimento seu, isso sempre funciona e abre um caminho de comunicação que é a comunicação empática. Então essa é uma dica — depois não é o momento agora de aprofundar isso —, mas é uma maneira de você se aproximar de alguém que é fanático, por exemplo.

Uma mente espiritualizada não seria aquela... por exemplo, a mente está sempre pulando, para cá, para lá. Aí, quando a gente coloca consciência na mente, a gente consegue dirigir a mente. Não seria através da consciência consciente, fazendo a coisa dirigida assim, olha, conduzindo a mente de uma maneira clara, com amor? Não seria mais ou menos por aí?

O problema é: quem vai conduzir a mente? A consciência. Sim. Mas se ela tiver presa no pensamento, se for o pensamento, é o cachorro

correndo atrás do rabo. A consciência é o pensamento? A consciência que observa serenamente vê a mente querer ir para um lado ou para o outro e ela não vai, entendeu? Agora é a observação. A observação é consciência. O pensamento é inconsciência, porque ele vai de um assunto para o outro, do outro para o outro, do outro para o outro. Então, quando você observa o pensamento sem interferir, sem reprimir — é lógico que às vezes você dá uma cortada nele, às vezes você diz "não, não quero entrar por aí" e para —, mas essa observação serena é a consciência. E quando o pensamento está se movimentando, a consciência é ele. Então depende de onde está a consciência. Sim, mas no momento em que eu estou sem pensar, no momento em que eu estou no presente e não estou pensando em nada, então eu posso serenar a mente. Isso.

Vamos usar uma outra metáfora. Imagina que a mente é um espaço infinito e os pensamentos são as nuvens que vão passando. E quando você tem a consciência do espaço infinito, essas nuvens são leves. Agora, quando a mente está pressionada por um fator emocional, o que acontece? O tempo perde... nuvens escuras. A mente é o espaço e o pensamento é o corpo que ocupa um lugar no espaço, só que ele é altamente enganoso, então a gente não pode confiar nele. Nós temos que ter apenas um certo cuidado. Às vezes a gente se refere à consciência como sendo o pensamento, porque as palavras são limitadas. Às vezes falou, mas na verdade está pensando alguma coisa. Então o fato de você pensar às vezes dá a imagem de consciência, mas a consciência no sentido maior é o que a gente chama de testemunha. É aquele estado que eu diria até espiritual, que está olhando de cima, vamos dizer assim, tudo que acontece na mente. Se nós não tivéssemos essa capacidade de testemunha, de olhar o pensamento,

reconhecer as operações do pensamento e eventualmente conseguir apaziguá-lo, acalmá-lo, deixá-lo num estado de quietude, você nunca conseguiria sair desse dado do pensamento. Nós só conseguimos observar porque existe um estado de consciência, vamos dizer assim, além da mente, que pertence, talvez, ao Buda, vamos dizer assim. É uma consciência maior, uma consciência de unidade que não está no campo da fragmentação, no campo da dualidade. E essa testemunha, essa percepção que nós temos da realidade, é uma percepção integral, que é verdadeira, que não está sujeita ao passado, não está sujeita aos enganos. É algo que é uma beleza, tem a ver com a nossa essência mesmo. É como se o seu atma, a sua natureza espiritual, estivesse olhando para o pensamento, entendendo todos os processos e fazendo com que ele se acalme e permita que essa consciência anterior, essa inteligência — como diz o Pisamor, geralmente ele chama de inteligência —, essa consciência possa se manifestar na nossa personalidade. É exatamente isso. O que eu quero dizer com consciência é isso, exatamente isso. Não é o pensamento, é uma consciência acima do pensamento. No presente. Gratidão.

Só que eu ainda estava lá no telhado. Cuidado, cuidado para não cair. Mas eu não estava no telhado não. Eu estava olhando lá para cima e vendo, porque eu vejo o contrário do que você falou. Eu ouvi e concordo com isso. O Cristo subiu no telhado e tirou a escada porque ele atingiu um nível e aquele caminho que era conhecido, ele meio que despavimentou. Eu vejo isso. E agora, parece que o que eu sinto... eu vou te dizer da minha dificuldade com o Cristo, e olha que eu estou fazendo esforço, porque várias vezes eu tive umas coincidências com o livro deles, que aconteceram. O que eu acho é que ele desconstrói tudo realmente e para ele está claro como as coisas ocorrem, mas para mim

as coisas não ficam tão claras, fica tudo... parece que quando se fala na intuição, eu acho que tudo ocorreu assim, ele defende para mim uma coisa só intuitiva que muita gente não consegue às vezes. É isso que eu vejo, é um estágio que ele não precisou de muita teoria, ele não precisou, é o que eu intuo. E tem algumas mentes que precisam de uma explicação teórica às vezes, eu não sei se é isso, embora também saiba da importância e dos insights intuitivos que às vezes ocorrem, entendeu? É isso que eu vejo. Eu não sei se...

Trecho 9

Ele fala para quem está aberto a escutá-lo. Tem pessoas que simplesmente não entendem o que ele tem a dizer, porque ele está num nível muito elevado. A pessoa precisa ter capacidade de abstração, precisa já estar de alguma forma nesse caminho de investigação espiritual. Se você pega uma pessoa ignorante e mostra um vídeo desses, ela não vai se interessar porque não vai entender nada — aquilo está fora da realidade dela. Então ele fala para aqueles que estão abertos, prontos para ouvir e têm a capacidade de compreender o que ele transmite. E cada um compreende até onde é capaz. Eu acho que ninguém compreende a totalidade dos ensinamentos dele, porque são ensinamentos muito profundos. Se tivéssemos essa capacidade de apreender a totalidade, talvez estivéssemos em outro patamar de vida, talvez nem estivéssemos aqui. Temos que reconhecer as nossas limitações e reconhecer que as pessoas são muito limitadas também, e nem todas estão preparadas para compreender o que ele tem a dizer. Mas nem por isso ele deveria ficar calado.

Ele fala para todo mundo, mas nem todo mundo se interessa por ele. E não é nem questão de se interessar: algumas pessoas não são capazes de compreender mesmo. Por que estamos nós para julgar quem é capaz ou não de compreender? Ele não vai rebaixar a compreensão

porque alguém não vai conseguir. Ele tenta explicar de mil maneiras, tenta chegar ao nível dos interlocutores, mas nem por isso vai rebaixar as coisas como elas são dentro daquilo que ele é capaz de enxergar.

Mas aí caímos numa discussão muito pouco importante: algumas pessoas vão precisar disso, outras vão precisar daquilo. Isso não é muito importante. Na verdade, eu não estou falando de algumas pessoas, estou colocando o que eu sinto. Você falou que ele subiu no telhado e tirou a escada para nós. Eu não sei se ele tirou a escada, se ele desempavimentou o caminho. Porque ele está mostrando que cada um de nós é o próprio caminho. Não existe um caminho predeterminado. Tem até aquele ensinamento indiano que fala: "Há tantos caminhos para Deus quanto o número de respirações dos homens". Então cada um é o caminho. Você é o caminho, cada um é o caminho, e não é igual para todo mundo. Agora, existe uma essência dentro de todos que é comum a todos. Todos nós somos expressão de uma inteligência cósmica que se expressa em tudo, é lógico, cada um no seu grau de limitação. E se pudermos enxergar essa energia criadora por trás de tudo, inclusive dentro de nós, nos libertamos das pequenezas da pessoa que somos. Então eu não acho esse ensinamento complicado. O complicado é que estamos sempre enredados nas coisas pessoais: temos um vislumbre de algo verdadeiro e depois voltamos para a nossa prisãozinha particular — todos nós. Ele subiu no telhado e não deixou escada porque queria estar livre plenamente. Mas aprender sobre a prisão é aprendizado também. Cada vez que a mente cria os seus enredos, ali é fonte de aprendizado. Aprender sempre.

Eu estive várias vezes na presença do Cristo, e algumas vezes ele

começava a apresentar algum tema e percebia que as pessoas não estavam entendendo, e falava: "Acho que vocês não estão entendendo". Aí mudava a abordagem, simplificava para torná-la mais acessível. E eu notei também que quando ele falava para pessoas de um nível mais avançado, como David Bohm, Rupert Sheldrake, tantos outros com quem ele conversou, ele aprofundava mais, chegava a níveis muito profundos na conversa. Então é natural que se adeque a maneira como você expõe alguma coisa a quem está escutando, de maneira que as pessoas possam tirar o melhor proveito possível. E reconhecer que algumas pessoas têm mais capacidade que outras de entender, por causa do seu mental, do seu grau de desenvolvimento. A sabedoria está na capacidade de se adaptar. Eles se adaptavam, com certeza. Adaptar é na adaptação.

Mas não é aquela adaptação em que todo mundo se adapta ao que o padre disse, ao que o guru disse. Não é esse tipo de adaptação. É estar sensível à capacidade da audiência de compreender determinados ensinamentos. Tem coisas que, embora sejam muito nobres, muito maravilhosas, a pessoa não tem capacidade de acompanhar. Ele sentia isso quando falava: quando ficava num assunto muito profundo e sentia que o pessoal estava perdido, mudava o linguajar, mudava a abordagem. Isso é natural.

Vamos usar outra expressão. Você se acostuma com algum tipo de abordagem que fica mais fácil para você mesmo olhar, como essa de questionar seus próprios pensamentos. É uma coisa que ninguém faz. Quando ele fala "observa seu pensamento", um sujeito que nunca ouviu falar nisso pergunta: "Que maluquice é essa?". Agora, vamos falando isso aqui uma vez, duas vezes, três, e daqui a pouco estamos

observando nossos pensamentos. Então é um acostumar-se a um olhar diferente, não é adaptar-se.

O PARAÍSO NA TERRA E O RETIRO DE REVEILLON:

Este é o evento de reveillon que vamos realizar agora no final do ano, cujo título é "Vida de Gaia", que é também o título do livro que estudamos. É um evento muito especial. Esse livro foi organizado por nós e composto de artigos publicados pela Quest Books, editora da Sociedade Teosófica nos Estados Unidos. Ela tem uma grande tradição em publicar grandes autores, grandes espiritualistas, alguns teósofos, inclusive cientistas e filósofos, trazendo essa visão da Terra como um ser, um ser vivo que se autoadapta, e mais ainda, no momento em que nós fazemos parte da grande Terra.

Trecho 10

A mente religiosa não é a mente igrejista, não é a mente que pertence a nenhuma religião necessariamente. Aliás, ela pode até participar de uma religião sem pertencer, porque o sentido de pertencer gera divisão, e a divisão é a antirreligião. Religião é união num plano muito elevado. E nós podemos descobrir, cada um por nós, a verdade dessa energia criadora que está por trás de tudo: na natureza, nos minerais, nos vegetais, nos animais, em nós, nos deuses, nas superconsciências que criam esse universo.

Vamos desbravar esse território sem buscar nada necessariamente. Desbravar esse território significa olhar e ver todo o mal que o sentido de divisão e de separatividade faz, seja em qualquer ambiente, seja na família, seja no trabalho, seja na vida social, seja na vida pseudorreligiosa, porque, se houver divisão, já não é religião. Vamos tentar entender que cada um de nós é um templo e que a nossa consciência procurando enxergar o todo em tudo é ela que pode abrir

para nós essa religiosidade vivencial. Ou, como diz Krishnamurti, ela é a força. Religião é a força que conduz a uma vida sem divisão. Isso depende de compreender a nossa mente, que está sempre dividindo, sempre adotando lados, sempre segmentando. O que também não significa que nós vamos achar tudo lindo em todo lugar. Não. Existe o belo e o feio, existe o bem e o mal. E o discernimento precisa ser desenvolvido sem dividir as pessoas, sem antagonizar, sem botar umas contra as outras.

Para finalizar, eu queria voltar a falar sobre a importância de nós entendermos a maneira como a nossa mente funciona, buscando experiências. Não existe ninguém que não tenha buscado alguma coisa, e especialmente buscar aquilo que é prazeroso ou também fugir daquilo que é desagradável. E essa busca daquilo que na nossa mente é algo agradável traz problemas maiores à nossa vida. Quando você busca uma experiência religiosa, você está confundindo a própria religiosidade, você está induzindo a religião a uma aparência. Quando a religião vem de religar, é uma união em que você é uno com todas as coisas, você é uno com a natureza, você é uno com todos os seres, com todos os seres humanos. Então, esse estado de unidade é algo de uma beleza extraordinária.

Você tem que perceber: toda vez que você está buscando uma experiência, você tem que se perguntar por que, porque é normal, dentro do nosso estágio evolutivo, ter essa necessidade, essa vontade de experimentar as coisas. Principalmente os jovens, eles querem tudo, querem consumir as coisas. Então, aprender a não depender de nada, aprender a ser só, sem nenhum ressentimento, sem nenhum estado de separatividade, e aprender a não buscar é sabedoria. Vamos observar

com todo cuidado, com essa consciência de testemunha, que é essa consciência que percebe os subterrâneos da mente, quando ela está tentando se autoenganar e buscar fora de si alguma forma de se preencher. Quando você percebe todo esse jogo e aquieta a sua mente, aí algo novo pode se revelar. E essa revelação é altamente transformadora e iluminadora, para que nós possamos nos iluminar e sermos uma expressão do divino na Terra. Namastê.

